
Resenha

COLAS-BLAISE, Marion. *L'Énonciation. Évolutions, passages, ouvertures.* Liège: Presses Universitaires de Liège, 2023, 352 p. *

Carolina Lindenberg Lemosⁱ

A semiótica no Brasil conta com forte tradição em estudos da enunciação. Em especial na semiótica, marca uma era e todos os estudos desde então o clássico livro de José Luiz Fiorin (2002), *As astúcias da enunciação*, que explora profundamente a perspectiva inaugurada por Émile Benveniste, adotada em semiótica por Greimas e sedimentada no *Dicionário de semiótica* (Greimas; Courtés, 2011). Isso quer dizer que, ao menos para a trupe semiótica brasileira, a enunciação se aprofundou a partir desse lugar e se organizou em volta dele.

O livro de Marion Colas-Blaise nos oferece, nesse cenário bem demarcado, ampla abertura por meio de grandes temas que atravessam a enunciação, fazendo um percurso que faz dialogar as principais vertentes do discurso que tomam a enunciação como âncora. A partir da perspectiva semiótica, a autora convoca pensadores de diferentes linhas e os enlaça com os desenvolvimentos teóricos da semiótica, para dar uma configuração ao seu texto que seja ao mesmo tempo abrangente a todo o campo da enunciação e significativo para o leitor semiótico. De forte apelo teórico, o livro de Colas-Blaise é também forjado com grande apoio em análises, que dão concretude e modalizam a crueza da teoria pura. Ainda assim, as análises não estão presentes na obra com fins ilustrativos ou didáticos, mas a cada vez levam a autora e sua leitora ou seu leitor mais longe na discussão teórica, construindo, em seu interior, essa mistura tão tipicamente semiótica de uma ambição teórica fortemente embasada no escrutínio dos objetos do mundo.

A primeira parte do livro discute a enunciação a partir das marcas que ela deixa inscritas nos textos enunciados. Para tanto, inicia a discussão retomando a

* DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2025.235146>.

ⁱ Professora adjunta do Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, CE, Brasil. E-mail: carolina.lemos@ufc.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0114-2548>.

enunciação como instância de passagem das virtualidades da língua para sua realização em discurso e discutindo o *parti pris* da enunciação como pressuposta e sua estrutura, que espelha aquela do enunciado. As marcas enunciativas aparecem assim como modo único de acesso a essa instância impalpável, instaurando um universo objetivado que “dá fim à inerência” (p. 29).¹

Segue-se, então, uma investigação sobre a perspectiva de as marcas introduzirem a subjetividade na linguagem, e se mostra que há nuances naquilo que se pode dizer subjetivo. Num percurso que passa por Metz e Paolucci, produz-se uma dissociação entre a subjetividade e a enunciação pessoal, ou seja, na dissociação entre o locutor e o enunciador, o que permite descrever um universo mais sofisticado de textos.²

Na continuação do texto, a investigação da subjetividade leva a autora às distinções entre modalidades e modalizadores, que, de um lado, estabelecem uma certa apropriação sobre aquilo que é dito, mas, de outro, instauram alguma distância. Ao apontar para uma enunciação em jogo, as marcas têm um papel metadiscursivo e dão a ver a enunciação como ato ou atividade. Assim, a marca é responsável por uma reflexividade que desvia a atenção do dito para o dizer, bem como por um caráter metadiscursivo que estabelece um escalonamento em dois níveis. A marca, nesse contexto, torna-se uma maneira de estar no mundo ao testemunhar a cisão inicial de si mesmo para esse mundo. A tensão fiduciária gerada nesse movimento levará à discussão da intensidade da marca. A enunciação como gesto verbal que aporta tensão se sobrepõe, em alguma medida, ao caráter descritivo do enunciado, sem apagá-lo completamente, gerando aí uma tensão entre a “denotação simbólica” e a “subjetividade indicial”. A autora, então, passa a buscar essa organização da intensidade nas áreas centrais e periféricas, com graus variáveis de tonicidade, e nas noções de contágio e atração, que podem tornar, por meio do contato, um elemento átono em marcas tônicas. A discussão desse capítulo finda na organização das marcas em conjuntos que compõem graus maiores e menores de intensidade e extensidade.

O segundo capítulo da primeira parte adiciona à subjetividade da marca a ideia da expressividade. A diferença relevante entre o traço e a marca vai levar à propositura de uma subjetividade participante, de um corpo que sobrevém, de um lado, e de uma subjetividade subjetiva, de um sujeito que afirma e predica, de outro. Nesse sentido, o traço diz respeito à inscrição, à materialidade, ao fragmentar, e a marca, à escritura, à descrição, ao *logos*. A reflexão desemboca em estratos de organização do sentido: indicial, icônico e simbólico, que vão levar a autora a interpolar uma subjetividade intermediária no nível icônico, a subjetividade “percebente”, que apreende, que percebe. Conclui essa parte com

¹ Tradução nossa para: “mettant un terme à l’inhérence”.

² No contexto brasileiro, pensamos no trabalho de Dilson F. Cruz (2009), *O Éthos dos romances de Machado de Assis*, acerca do narrador *vs.* o enunciador nos romances de Machado de Assis.

um estudo de caso de um objeto sincrético, que a coloca a discutir a forma simbólica e a morfologia icônica da substância.

O terceiro capítulo dessa parte propõe uma abertura, como se passa com o último capítulo de cada parte, no sentido da investigação da saliência, como último ponto de exploração da marca. Após uma discussão sobre a especificidade da saliência como conceito, a autora debruça-se sobre o texto visual e a possibilidade de recuperação da saliência nesse tipo de texto na transposição das reflexões do verbal para o visual. Colas-Blaise retoma Greimas sobre formantes plásticos e figurativos para discutir a questão da segmentação e da discretização nesse tipo de texto e de como alçar essas categorias a um estatuto generalizante que possa servir ao enunciador para marcar sua presença. A possibilidade de uma gramática do visual, se não pode ser estabelecida nos termos virtuais como para as línguas, está na codificação parcial — atualizada — em conjuntos, séries, coleções, gêneros de imagens. A exploração de dois estudos de caso levam a autora a discutir, por meio da semiótica tensiva, das noções de *studium* e *punctum*, de Barthes, e da mereologia segundo Bordron, que a marca-saliência se depreende das estratégias compostionais tanto na imagem particular quanto nos conjuntos, séries e gêneros de imagens.

A segunda parte do livro, intitulada, “Acte, geste d'énonciation et pratique”, inicia com a retomada da oposição clássica dos anos 1960 entre dois pontos de vista para a enunciação, de um lado a enunciação enunciada e de outro a enunciação em ato, para afirmar que eles não se excluem, mas se complementam. Num primeiro momento, entende-se por *gesto de enunciação* aquilo que possibilita a textualização, mas também aquilo que é revelado, que se deixa entrever, por ela. Nesse sentido, a autora demonstra, a partir da análise do romance *La modification*, de Michel Butor, como a formatação de um texto literário, nesse caso específico uma utilização própria da pontuação, permite reconstituir a enunciação enquanto gesto, num processo *in vivo*. A autora caracteriza então o gesto como sendo processual, instaurador, provisório, espetacular, encarnado e podendo ser colaborativo, como numa orquestra, e leva sua reflexão aos limites mais atuais ao trazer a nano-arte, feita com auxílio de máquinas sofisticadas, para a discussão.

O segundo capítulo dessa parte procede a um movimento de abertura em torno da capacidade de o gesto enunciativo instaurar um texto. A busca é por um diálogo possível entre a semiótica e a ontologia plurimodal de Souriau, em que se defende uma abordagem dinâmica e sensível da constituição de um sintagma textual, e vislumbra o texto não apenas como uma linearidade, mas também como uma plurilinearidade e mesmo como alvo de uma “deslinearização”. Falar de uma sequência de unidades discretas não é o suficiente para descrever o processo de enunciação; é preciso estar atento a todos os caminhos e direções que o fluxo do sentido pode tomar nas constituição de relações entre as partes

que aos poucos são adicionadas ao texto. Nessa perspectiva, o leitor/espectador é considerado como parte ativa no processo enunciativo: cabe a ele “a missão de reabrir o texto, de reinterpretá-lo, a cada vez dentro do contrato firmado com o enunciador” (p. 138).³ A argumentação da autora prossegue para a conclusão de que não é o suficiente encarar o texto apenas num processo de “totalização do sentido”, mas também num processo de “regularização cursiva do sentido” em sua relação com as práticas e as formas de vida. Assim, o texto avança para o terceiro capítulo dessa parte em que será reexaminada a enunciação dentro do percurso gerativo da expressão.

Colas-Blaise encara aqui o desafio de tratar do contexto em semiótica, que durante muito tempo foi excluído da disciplina, e, para isso, apoia-se nas posições de Fontanille e de Landowski. Defende que o contexto deve ser levado em consideração pelos estudos semióticos uma vez que ele intervém nos sentidos produzidos nos textos e nos discursos. Na visão da autora, existe uma via de mão dupla: o contexto “contribuiativamente à produção da semiose e toma forma por meio dessa própria contribuição” (p. 153-154).⁴ Assim, interrogar as condições enunciativas da regulação do sentido é se tornar sensível aos elementos de diferentes níveis que integram uma manifestação textual numa situação semiótica específica. Nesse sentido, o livro nos convida a incorporar em nossa visada sobre a enunciação os demais níveis que compõem o percurso da expressão de Fontanille. Assim, (i) o contexto cultural, histórico, social e econômico, (ii) as mídias, (iii) os suportes e os objetos, (iv) os gêneros e os (v) textos integram todos uma mesma enunciação. A autora utiliza como exemplo, para estudar o papel desses diferentes elementos na enunciação, a retransmissão da Ópera metropolitana de Nova York num cinema em Luxemburgo.

Por fim, a autora ressalta que o que vem sendo defendido não é um abandono da noção de texto, mas a abertura a uma visada dinâmica da enunciação dessa noção. A enunciação, enquanto controladora do fluxo de sentido, é responsável por gerenciar as forças convergentes e divergentes que atuam no texto. A textualização é considerada, então, um movimento contínuo, abertura essa que permite que novos objetos sejam analisados, como demonstra o capítulo final dessa parte, analisando sob um ponto de vista holístico uma exposição de fotografia num museu.

A terceira parte, “La praxis énonciative et l’invention”, passa a investigar a noção de invenção a partir da perspectiva de seu processo enunciativo. Interessa à autora a relação entre o efeito de novidade na superfície discursiva e a potencialidade articulatória da virtualidade do sistema. A partir dessa relação,

³ Tradução nossa para: “la mission de rouvrir le texte, de le réinterpréter à chaque fois – dans les limites du contrat passé avec l’énonciateur”.

⁴ Tradução nossa para: “contribue à la production semiosique activement et il prend forme à travers cette contribution même”.

percebe-se que toda novidade, todo gesto revolucionário, toda invenção tem sua gênese no já existente, naquilo que é próprio ao sistema subjacente à enunciação, bem como aos usos repertoriados pela práxis.

No primeiro capítulo, dois são os conceitos-chave apresentados: a práxis enunciativa relacionada ao processo de paradigmização; o dispositivo da enunciação e a proposição de etapas que regulam a invenção no processo de mediação entre sistema e processo. Se a enunciação é a instância de mediação entre sistema e discurso, como definido por Greimas e Courtés, a práxis enunciativa, aqui pensada principalmente a partir de Fontanille e de Bertrand, procura dar conta das diferentes operações que regulam o aparecimento e o desaparecimento de formas semióticas no campo discursivo. Essas operações não dizem respeito somente à convocação de grandezas do virtual ao realizado, mas também ao movimento inverso: a repertorização das formas de uso que, uma vez discursivizadas, tornam-se passíveis de ser mobilizadas e modificadas por novas ocorrências. É essa dupla direcionalidade da práxis que interessa à autora e permite pensar sobre a ideia de paradigmização, isto é a do “processo de enriquecimento de um reservatório de formas significantes disponíveis” (p. 183),⁵ uma retrojeção de formas na abertura do esquema semiótico a partir da práxis. A autora revisita, então, o conceito de paradigma a partir de Hjelmslev e Greimas e Courtés e procura demonstrar o funcionamento sêmico da interação entre grandezas semióticas e seus diferentes contextos de uso a partir de Rastier e Salanskis.

Já o dispositivo enunciativo é encarado como um intervalo de mediação entre virtualidades e realizações. É nesse espaço de conversão das potencialidades em discurso que é possível a articulação da invenção. O conceito de dispositivo é tomado da tradição filosófica — especialmente de Agamben e de Foucault — e é aqui introduzido no campo semiótico como instância de controle das operações enunciativas que negociam a passagem das possibilidades de significação à produção de novidades. Nesse sentido, o dispositivo enunciativo é “um *intermediário* que não está apenas preso entre as virtualidades do esquema, as determinações da práxis antecedente e a realização de novas formações de significado, mas que intervém no caminho que leva de uns aos outros” (p. 185, grifos da autora).⁶ Para especificar a operação ascendente do dispositivo enunciativo, a autora propõe um conjunto de cinco etapas que dariam conta da atualização e realização de formas novas em discurso.

⁵ Tradução nossa para: “processus venant enrichir un réservoir de formes significantes disponibles”.

⁶ Tradução nossa para: “un entre-deux qui est non seulement pris entre les virtualités du schéma, les déterminations des praxis antécédentes et la réalisation de nouvelles formations significantes, mais qui intervient dans le parcours menant des unes aux autres”.

Após a apresentação e proposição dessas bases teóricas, a autora inicia a segunda etapa dessa reflexão ao discutir os diferentes estilos de mistura estabilizados a partir da interrelação desse aparato enunciativo e que são subjacentes aos atos de criação e de invenção. Nesse contexto, é digno de nota o estabelecimento de uma distinção entre criação e invenção a partir de valores aspectuais e intensivos: a criação seria marcada por seu acabamento aspectual e por uma menor tonicidade, enquanto a invenção seria mais tônica, durativa e inconclusa, apontando indeterminadamente para um estado outro de coisas. Passa-se a refletir sobre os diferentes estilos de mistura a partir dos quais a invenção e criação interagem com o paradigma de formações culturais repertoriadas pela práxis: hibridização, bricolagem, etc. Para Colas-Blaise, o estabelecimento desse paradigma de regimes inventivos permite ao analista “focar mais de perto os efeitos produzidos na criação de obras de arte e na reinvenção de um ambiente de/para a arte” (p. 201).⁷

Estabelecidos esses regimes, a autora passa ao terceiro capítulo dessa parte, em que se propõe a pensar, a partir do regime inventivo da mestiçagem, o que se passa em produções artísticas em que objetos e materiais são deslocados para o espaço do museu. Desse modo, tecê-se uma reflexão sobre objetos diversos como pilhas de carvão ou madeira que, ao serem deslocados de seu espaço natural para um espaço institucional, são transformados por esse deslocamento na medida mesma em que tensionam o próprio espaço museográfico, de modo a “restaurar sua potência” (p. 206).⁸

Enfim, a quarta parte, intitulada “De la réénonciation à la transénonciation”, discute, de início, a particularidade desses termos em relação ao termo geral de enunciação e propõe que a re-enunciação erige a práxis enunciativa ao primeiro plano e coloca a reformulação e a renovação dos textos em novos textos como elemento constitutivo e em foco. Discute os vários processos de re-enunciação e chega, enfim, em outros termos capazes de recobrir o mesmo fenômeno, como a intertextualidade, a interdiscursividade e a intermedialidade, concluindo que esses últimos são regidos pela re-enunciação. A autora se debruça, então, sobre o “grau zero” da retomada num estudo de caso sobre uma obra de Warhol e a repetição da repetição, o que a leva a recolocar, à luz de Goodman e Deleuze, a própria noção de origem, de peça primeira, de originalidade.

O segundo capítulo dessa parte discute as estratégias de citação a partir da relação entre fotografia e texto verbal num livro de Annie Ernaux e Marc Marie, chegando a quatro estratégias: a translação, a tradução propriamente dita, a transposição e a transferência. Os tipos se organizam num gráfico tensivo que tem como eixo da intensidade os graus de apontamento (*monstration*) e por eixo

⁷ Tradução nossa para: “cibler davantage les effets produits au niveau de la création d'œuvres d'art et de la réinvention d'un milieu de/pour l'art”.

⁸ Tradução nossa para: “à lui faire retrouver ses potentialités”.

da extensidade a amplitude da reformulação. Em seguida, conclui o capítulo com uma investigação acerca dos limites da temporalidade em diferentes versões ou retomadas de obras plásticas, propondo uma discussão sobre as noções de sequencialidade, variabilidade e... turbilhão.

Na sequência, o terceiro capítulo insere essas discussões sobre citação e re-enunciação no âmbito das operações mereológicas na esteira de Bordron, uma vez que discutem a composição e a estabilização morfológicas através da noção de iconicidade. Para tanto, a autora busca as estratégias de citação em colagens hipertextuais, nas hiperfotos de Jean-François Rauzier, que se configuram em totalidades partitivas, sem possibilidade de homogeneização por parte da instância da enunciação. Depois de discutir as operações mereológicas envolvidas nessa forma de totalidade, Colas-Blaise avança a discussão desses textos digitais na direção das imagens em movimento e seu efeito de artificialidade acentuado. Conclui com a discussão da configuração hipertextual tanto em ambiente digital como na sua simulação em papel e as repercussões disso na noção de *écrilecture*, de um leitor também agente, e de uma *agence d'écriture*, que substitui a perspectiva de um autor individual.

O quarto e último capítulo do livro antes da conclusão é também a última das “aberturas” que propõe Colas-Blaise em cada uma das quatro partes. Da re-enunciação deslizamos para a transenunciação. Novamente a autora se coloca a questão da pertinência da adição de mais um novo prefixo à enunciação. Explica, então, que o foco, nesse caso, está na passagem das forças e tensões de base, passando pelas modalidades de alteração preposicional ou conjuntiva e desembocando na produção de objetos de sentido que mediam a relação do homem com o mundo. A semióticista dá, assim, conta de descrever o percurso de ação dessas forças actanciais, coletivas e anônimas, antes que um “eu”, “aqui” e “agora” se configurem nos textos.

Em síntese, Marion Colas-Blaise nos propõe, como bem apresenta nas conclusões, um modelo integrativo para a enunciação em semiótica. Nesse sentido, o tema da enunciação se presta de forma muito pertinente ao diálogo e à tessitura das diferentes correntes semióticas da atualidade. O movimento teórico de Colas-Blaise parece responder à dispersão que vimos observando no campo da semiótica nas últimas décadas (Lemos, 2017), movimento esse que ao mesmo tempo que esgarça o campo, também dá à semiótica sua identidade e sua força (Badir, 2022).

A pretensão do livro de Colas-Blaise não é exatamente a de um percurso histórico. Entretanto, ao organizar os tópicos numa lógica de expansão e incorporação de perspectivas cada vez mais atuais, ao fazer dialogar de forma pertinente e aprofundada propostas teóricas clássicas com desdobramentos modernos em toda a gama de temáticas ligadas à enunciação, a autora conduz o leitor pelos temas e expande a perspectiva do leitor brasileiro. Ademais, a

estrutura interna de cada uma das quatro partes, com progressiva ampliação e atualização de cada questão, além de sua aplicação a variados objetos, atualiza tópicos que talvez se fizessem sentir como já usados e engessados pelo tempo. Ademais, visto que a enunciação é assunto vasto a ponto de tocar os mais variados campos da semiótica, o leitor interessado não num panorama geral, mas em aspectos específicos de sua própria pesquisa, encontrará também em uma ou outra partes discussões com potencial de alimentar diretamente suas reflexões. *L'Énonciation. Évolutions, passages, ouvertures* promete aquecer os debates sobre a enunciação, em especial no contexto nacional.●

Referências

BADIR, Sémir. *Pratiques discursives du savoir. Le cas sémiotique*. Limoges : Lambert-Lucas, 2022.

COLAS-BLAISE, Marion. *L'Énonciation. Évolutions, passages, ouvertures*. Liège : Presses Universitaires de Liège, 2023.

CRUZ, Dilson Ferreira da. *O éthos dos romances de Machado de Assis*. São Paulo: Edusp/Nankin, 2009.

FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, tempo e espaço*. 2 ed. São Paulo: Ática, 2002.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. *Dicionário de semiótica*. 2 ed. Trad. Alceu Dias Lima *et al*. São Paulo: Contexto, 2011.

LEMOS, Carolina Lindenberg. A história dos *Actes Sémiotiques*: o caso dos *Bulletins*. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL GREIMAS, São Paulo. *Anais*. São Paulo: PUC, 2017. p. 768-786. Disponível em:

https://docs.wixstatic.com/ugd/ef01b2_df77e1c9b11d43c1b4c2d8d6f464ebba.pdf. Acesso em: 24 fev. 2025.

💡 [Book Review] COLAS-BLAISE, Marion. *L'Énonciation. Évolutions, passages, ouvertures*. Liège: Presses Universitaires de Liège, 2023, 352 p.

LEMOS, Carolina Lindenberg

Como citar este artigo

LEMOS, Carolina Lindenberg. [Resenha] COLAS-BLAISE, Marion. *L'Énonciation. Évolutions, passages, ouvertures*. Liège: Presses Universitaires de Liège, 2023, 352 p. *Estudos Semióticos* [online], vol. 21, n. 1. São Paulo, abril de 2025. p. 215-222. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse>. Acesso em: dia/mês/ano.

How to cite this paper

LEMOS, Carolina Lindenberg. [Resenha] COLAS-BLAISE, Marion. *L'Énonciation. Évolutions, passages, ouvertures*. Liège: Presses Universitaires de Liège, 2023, 352 p. *Estudos Semióticos* [online], vol. 21, issue 1. São Paulo, April 2025. p. 215-222. Retrieved from: <https://www.revistas.usp.br/esse>. Accessed: month/day/year.

Data de recebimento do artigo: 30/09/2024.

Data de aprovação do artigo: 24/02/ 2025.

Este trabalho está disponível sob uma Licença Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 Internacional.

This work is licensed under a Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 International License.

